



CONGRESSO NACIONAL
5ª SESSÃO
(SESSÃO SOLENE DO CONGRESSO NACIONAL)

Em 24 de Maio de 2019

(Sexta-Feira)

Às 11 horas

ABERTURA DA SESSÃO

O SR. PRESIDENTE (Humberto Costa. PT - PE) - Declaro aberta a Sessão Solene do Congresso Nacional destinada a comemorar o centenário do nascimento do Prof. Fernando Figueira, patrono do Instituto de Medicina — IMIP, no Recife, Pernambuco.

HOMENAGEM

O SR. PRESIDENTE (Humberto Costa. PT - PE) - Convido para compor a mesa o Deputado João Campos, um dos requerentes desta sessão solene (*palmas*); o Deputado Felipe Carreras, também requerentes desta cerimônia (*palmas*); o Sr. André Longo, Secretário de Saúde do Estado de Pernambuco (*palmas*); a Deputada Estadual Roberta Arraes, que representa a Assembleia Legislativa de Pernambuco (*palmas*); o Sr. Hildo Azevedo, Presidente da Academia Pernambucana de Medicina (*palmas*); e o Sr. Antônio Carlos Figueira, filho do homenageado. (*Palmas.*)

Convido todos os presentes a, em posição de respeito, ouvirmos o Hino Nacional brasileiro, executado pelo 1º Regimento de Cavalaria de Guardas do Exército, a quem agradecemos antecipadamente.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Humberto Costa. PT - PE) - Ainda em posição de respeito, ouviremos agora o Hino de Pernambuco.

(Procede-se à execução do Hino de Pernambuco.) (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Humberto Costa. PT - PE) - Gostaria de transmitir aqui a todos os presentes os agradecimentos do Presidente do Congresso Nacional, o Senador Davi Alcolumbre, pela viabilização desta sessão solene.

Por outro lado, deixo aqui o fiel agradecimento pela iniciativa ao tenaz Deputado João Campos, Parlamentar que, com tanto afincio às causas mais nobres do povo pernambucano, faz jus ao sangue combativo e resistente que sempre luta por Pernambuco.

Agradeço também pela iniciativa ao Deputado Felipe Carreras, Parlamentar de fibra, competente e de batalha pelas causas de Pernambuco.

Agradeço ao Secretário de Saúde de Pernambuco, André Longo, pela presença e honra ao nosso evento, representando o Governo de Pernambuco.

E, com muita honra, agradeço à Deputada Roberta Arraes, que representa a Assembleia Legislativa de Pernambuco, nobre e firme sertaneja, que se dedica fielmente ao povo de Pernambuco.

Agradeço pela honra da presença ao Prof. Dr. Hildo Azevedo, Presidente da Academia Pernambucana de Medicina.

Minhas homenagens ao filho do Prof. Fernando Figueira, Antônio Figueira.

Muito me honra também receber o ilustre Vereador do Recife Aderaldo Pinto, sempre dedicado aos desafios do povo pernambucano, já me desculpando pelo espaço na mesa, eis que o protocolo não permite ampliá-lo.

Ao Secretário de Saúde do Recife, Dr. Jailson Correia, rendo um imenso agradecimento.

Ao Prefeito de Quebrangulo, em Alagoas, o Sr. Marcelo Lima, digo que muito nos honra a sua presença.

E agradeço, igualmente, a Presidente do nosso tão importante IMIP, Dra. Sílvia Rissin.

Agradeço fortemente a Guilherme Leitão. É muita honra tê-lo e recebê-lo aqui. Parabéns pelo trabalho à frente de Fernando de Noronha!

Ao Prof. Dr. Malaquias Filho, sincera gratidão pela ilustre presença.

À Sra. Sílvia Vidon, filha do Prof. Fernando Figueira, agradeço e peço que leve o nosso abraço e cumprimento à Dona Nancy, viúva do Prof. Fernando Figueira.

Sr. Fernando Figueira, filho do homenageado, muito obrigado pela presença.

Representantes da categoria médica, também agradeço pela presença.

Senhoras e senhores convidados, demais autoridades, demais familiares do homenageado, é com um imenso orgulho que presido, nesta sexta-feira, esta sessão solene do Congresso Nacional em homenagem ao grande cidadão e inesquecível Prof. Fernando Figueira, cujo centenário de nascimento nós comemoramos no dia 4 de fevereiro passado.

Não se pode falar na história da medicina social no Brasil sem que se dedique uma considerável atenção ao trabalho deste médico pernambucano de coração, que se transformou em uma das maiores referências de saúde pública infantil do nosso País em razão da sua devoção inabalável aos mais pobres e, especialmente, à parcela mais vulnerável desse segmento, que são as crianças.

Essa sua dedicação às causas sociais do Brasil profundo, essa sua dação quase religiosa à gente de onde veio e o resultado inestimável desse seu trabalho inscreveram o nome do Prof. Figueira entre os maiores do seu tempo, razão pela qual este Congresso hoje lhe faz este justo reconhecimento.

Fernando Jorge Simão dos Santos Figueira nasceu em Portugal num período em que seus pais viviam lá. Passou sua infância entre Recife e Garanhuns, no Agreste de Pernambuco, onde concluiu o ensino médio. Aos 16 anos, foi aprovado para a Faculdade de Medicina do Recife e se formou aos 21 anos.

Diploma na mão, Figueira foi exercer seu ofício na pobre cidade de Quebrangulo, no interior de Alagoas, onde esteve em contato direto com o drama vivido pelo povo pobre do Nordeste, completamente desassistido em saúde, flagelo que volta a assombrar a região após o desmantelamento do Mais Médicos.

De Quebrangulo só saiu em 1948 para ganhar experiência no Hospital das Clínicas de São Paulo e tornar-se discípulo dileto do Prof. Pedro de Alcântara, da Universidade de São Paulo — USP, onde assumiu o posto de professor assistente da então recém-criada cadeira de clínica pediátrica.

Nascia aí o Prof. Fernando Figueira, que entre uma intensa atividade pelo País e pelo exterior, retorna em 1958 a Pernambuco, depois de aprovado no concurso de livre docência da nossa Universidade Federal, onde, posteriormente, assumiu a Cátedra de Pediatria e fundou o Instituto de Nutrição da Universidade Federal de Pernambuco.

Estamos numa época de grandes nomes em Pernambuco, de enorme ebulição social, de vanguardismo invejável. Estamos no tempo de Francisco Julião e das Ligas Camponesas; das ideias de Gregório Bezerra; da geografia da fome, de Josué de Castro; do trabalho revolucionário de Paulo Freire; da política comprometida com as demandas dos mais pobres, encabeçada por Miguel Arraes.

A medicina do Prof. Figueira é talhada aí. É uma medicina absolutamente disposta a lutar contra a injustiça social provocada pela miséria e pela marginalização a que estava submetido o povo nordestino. É uma medicina que quer promover atenção à saúde da população, lá onde ela está, com a consciência de que há um imenso custo humano e financeiro no deslocamento aos grandes centros. É uma medicina, enfim, completamente exercida a serviço da sociedade, especialmente em favor das suas parcelas mais pobres.

Esse mesmo compromisso pessoal ele ampliou e traduziu em política pública quando assumiu o comando da Secretaria Estadual de Saúde e a Presidência da Sociedade de Medicina de Pernambuco, interiorizando o atendimento médico para melhor atender aos pernambucanos.

Mais que um vocacionado, o professor Fernando Figueira sempre foi um homem comprometido com essas causas de amplo impacto social.

Do trabalho dele, nasceu o primeiro Plano Estadual de Saúde e foi feita a atualização do nosso Código Sanitário. Foi ele, ainda, quem realizou o primeiro concurso para médicos de Pernambuco, reforçando o perfil técnico dos quadros da administração pública, e, de maneira pioneira, lançou uma abordagem humanizada no atendimento psiquiátrico, ao combater as internações desnecessárias e as ações recuperativas de caráter duvidoso, antecipando em uma década e meia a reforma psiquiátrica no Brasil, área que me é particularmente muito cara, em razão da minha formação, que é a Psiquiatria.

Ele criou as diretorias regionais de saúde, a Fundação de Saúde Amaury de Medeiros, o Laboratório Central, o Centro Integrado de Saúde Amaury de Medeiros, o Centro de Oncologia da Faculdade de Ciências Médicas, o Centro de Hematologia e Hemoterapia de Pernambuco — HEMOPE e reestruturou o nosso Laboratório Farmacêutico, o LAFEPE. Toda essa obra foi transformadora para o nosso Estado e os seus resultados estão presentes até hoje na vida dos pernambucanos.

Mas o Prof. Figueira também se abraçou a outra causa extremamente nobre, não sem críticas à sua posição naquele momento, críticas que a ciência e o tempo mostraram estar totalmente equivocadas. Ele proibiu a distribuição de leite em pó nas maternidades, dando fundamental estímulo ao aleitamento materno, de cujos enormes benefícios todos somos conhecedores na atualidade.

Hoje, o Brasil é uma referência mundial nessa área. Esse trabalho, o trabalho do IMIP, salvou milhares de vidas de crianças e evitou uma série de doenças, além de melhorar a qualidade do vínculo afetivo que une mãe e filho.

Foi na esteira de todo esse comprometimento com a medicina humanizada, com a medicina social, essa medicina que lhe virou uma causa de vida, que nasceu, na década de 60, o projeto do IMIP. Chamado na sua criação de Instituto de Medicina Infantil de Pernambuco, o IMIP surgiu no coração pobre do Recife, numa região cercada de comunidades carentes, habitadas por pessoas em uma condição econômica e social que sintetiza o próprio projeto de vida do Prof. Fernando Figueira. O IMIP estava, desde o seu embrião, indissociavelmente ligado às crianças, a cuidá-las, a lutar pela vida delas com uma fé inquebrantável no futuro que elas poderiam construir. Nas crianças, o Prof. Figueira via a força que girava o mundo.

O seu compromisso social o movia como um gigante na edificação desse sonho que viria a ser tão grande quanto ele. Na sua imensa indignação com a condição do povo que o cercava, ele dizia, abre aspas: *“Enquanto houver, em minha terra, uma criança ameaçada de perder o que ela tem de mais sagrado — a sua própria vida — haveis de encontrar em mim um homem torturado”*, fecha aspas.

Fernando Figueira tinha apenas duas mãos e o sentimento do mundo, como um dia disse Drummond em seus versos. Sua rotina sobre-humana, na academia, nas instituições de que participava, na gestão do IMIP, nos cuidados com a família, jamais o afastaram do atendimento clínico às crianças carentes, algo de que ele não abria mão. E foi com essa vivência intensa, aliás, que ele passou a devotar uma especial atenção também às mães de seus pacientes, nas quais encontrou aliadas fundamentais para a recuperação da saúde dessas crianças. Isso levou a uma mudança na filosofia do IMIP, que foi traduzida com a alteração do seu próprio nome quando se transformou em Instituto Materno Infantil de Pernambuco, ampliando o atendimento para a ginecologia e a obstetrícia.

O Prof. Fernando Figueira, como ele mesmo dizia, fez da medicina uma inquietação para a luta não somente em favor da saúde, mas, fundamentalmente, contra as desigualdades sociais. O hoje chamado Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira, do qual ele é o patrono, é um patrimônio de Pernambuco considerado pela classe médica como um dos maiores complexos de medicina materna e infantil do mundo.

Em parceria com a Secretaria Estadual de Saúde, o IMIP está presente em todas as regiões de Pernambuco. Administra quatro hospitais de grande porte, um centro de hemodiálise, dez Unidades de Pronto-Atendimento e três Unidades Pernambucanas de Atendimento Especializado, o que se traduziu, no ano passado, a atenção à saúde de mais de 2 milhões de pacientes, todos exclusivamente usuários do Sistema Único de Saúde.

O que a gente não realiza vira sonho. Mas o sonho que a gente realiza pode virar mudança na vida de muita gente. E foi assim que se deu com o sonho do Prof. Figueira. Assim como ele sonhou, as ações do IMIP hoje estão interiorizadas, próximas dos pacientes, indo às pessoas, em vez do anacrônico caminho inverso.

Figueira foi um visionário, um homem à frente do seu tempo, alguém que enxergava longe e antecipou cenários. As comendas, os títulos que recebeu foram às centenas. Atualmente, empresta seu nome a uma série de outras honrarias com as quais são homenageados os que dividem os princípios por ele tão apaixonadamente defendidos. Foi um cidadão humanista, uma pessoa corajosa, que em momentos tremendamente difíceis da ditadura militar protegeu inúmeros dos seus estudantes, professores, arriscando a sua própria integridade.

Partiu em 2003, aos 84 anos, mas é um homem imortal. E não porque esse título lhe tenha sido conferido por alguma instituição. Não, o Prof. Fernando Figueira alcançou a própria imortalidade com o seu trabalho, com a sua medicina. Certa vez, ele disse que, abre aspas, *“conscientemente ou não, o homem somente se realiza plenamente quando se esquece de sua individualidade, se eleva e se projeta como parte integrante do imenso corpo social ao qual pertence”*, fecha aspas.

Aí reside a sua imortalidade: no fato de ele, hoje, estar presente em cada parte desse corpo social que legou a Pernambuco, ao Brasil, ao mundo.

Sua abnegação e o seu espírito humanitário são absolutamente inspiradores, são atuais, são extremamente necessários aos dias de hoje.

Não por outra razão, este Congresso Nacional presta, nesta sessão solene de hoje, um justo tributo a um fabuloso brasileiro que transformou a nossa realidade e, com um trabalho silencioso e discreto, próprio da sua personalidade, salvou milhares de vidas e legou um invejável patrimônio à medicina e à saúde pública do Brasil.

Louvemos o Prof. Fernando Figueira.

Muito obrigado a todas e a todos. (*Palmas.*)

Gostaria aqui de registrar a presença de algumas personalidades importantes, que nos honram com a sua visita: o Prefeito de Quebrangulo, Sr. Marcelo Lima; o Vereador do Município do Recife, Sr. Aderaldo Pinto; o Administrador de Fernando de Noronha, Guilherme Rocha; o Secretário de Saúde de Recife, Jailson Correia; o médico pesquisador do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira, Malaquias Batista Filho; os Deputados Federais Renildo Calheiros e Fernando Monteiro; representando o Reitor da Universidade de Pernambuco, o Sr. José Guido Correia de Araújo.

Em seguida, farei a citação de outras pessoas importantes aqui presentes.

Eu queria, agora, conceder a palavra ao Deputado Federal João H. Campos, um dos requerentes desta sessão solene.

O SR. JOÃO H. CAMPOS (PSB - PE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) - Bom dia a todas e a todos.

Agradeço a oportunidade de estar presente nesta sessão solene e saudar o Senador Humberto Costa. Na sua pessoa, quero saudar as demais autoridades aqui presentes, saudar também o companheiro Deputado Felipe Carreras, que foi autor do requerimento, saudar André Longo, que representa o Governador, saudar a Deputada Estadual Roberta Arraes, saudar os demais Deputados aqui presentes, o Deputado Estadual Lucas Ramos, o Deputado Fernando Monteiro, Deputado Renildo Calheiros, saudar o Dr. Hildo Azevedo, Presidente da Academia Pernambucana de Medicina, saudar o amigo Antonio Carlos Figueira, filho do homenageado, que muito nos honra com sua presença. Queria fazer uma saudação muito especial a Gilliatt Falbo.

Em seu nome, Gilliatt, saúdo todos os que fazem o IMIP.

Queira saudar o ex-Vereador Inácio Neto, aqui representando a FMO. Queria saudar todos os familiares e os amigos de Fernando Figueira.

Quero dizer aos senhores que eu preparei aqui algumas coisas, mas eu acho que temos que falar com o coração. Quero falar aqui, com muita verdade e sinceridade, que vivemos um momento muito difícil no nosso País. Todos nós temos visto, vivido e acompanhado, e é principalmente em momentos difíceis como este que precisamos relembrar a história daqueles que fizeram muito pelo nosso País, que fizeram a diferença em tudo o que praticaram em suas vidas.

O Prof. Fernando Figueira tem uma história que fala por si. O Senador Humberto Costa muito bem contou da formação dele na cidade do Recife, da experiência no Hospital Pedro II, da criação do IMIP, que presta cuidado inicial não só à criança, mas à mãe, com a integração da família, ao pai, com a integralidade do cuidado.

Meu amigo Antônio Figueira, eu tenho certeza de que tudo isso só foi possível porque o seu pai tinha muita sensibilidade. E sensibilidade é algo que está faltando às pessoas de hoje, está faltando a muita gente que faz política, que faz medicina, que vive neste País.

Muito bem lembrou o Senador Humberto Costa esta célebre frase de Fernando Figueira: *“Conscientemente ou não, o homem somente se realiza plenamente quando se esquece de sua individualidade, se eleva e se projeta como parte integrante do imenso corpo social ao qual pertence”*. É isso que está faltando no nosso País.

Em relação ao IMIP, não é fácil descrevê-lo. Só quem o conhece sabe o que ele representa. É uma instituição com mais de mil leitos que presta mais de 600 mil atendimentos anuais. Se eu não estou enganado, isso diz respeito só à sede do IMIP, não às unidades que ele administra. Há humanização no acolhimento e o desafio de ser uma instituição de saúde 100% SUS que garante a excelência e o cuidado no atendimento, o que não é fácil.

E o mais difícil, Figueira, é prestar atendimento ao pobre. Não é fácil defender o pobre, lutar por ele em nosso País, não. É muito mais fácil defender quem é rico. Mas o que Fernando Figueira sempre fez em sua vida foi lutar por quem era pobre. E é isso que estamos fazendo aqui em Brasília. É isso que o Senador Humberto Costa, o Deputado Felipe Carreras, os Deputados pernambucanos têm feito aqui no nosso Parlamento.

Eu queria pedir licença à família para focar o que resta da minha fala naquilo que eu julgo que é o mais especial: Fernando Figueira era um professor. Neste momento difícil que o País está passando, eu me pergunto o que ele, que foi professor catedrático da Universidade Federal de Pernambuco, uma instituição pública de ensino, professor visitante nos Estados Unidos, no México, em Paris, estaria pensando sobre o que a educação brasileira passa hoje, como ele veria esses absurdos cometidos, de maneira repetida, pelo atual Governo Federal. Houve corte linear de 30% em todas as despesas discricionárias das instituições de ensino federal. É nos momentos mais difíceis que vemos como um cidadão se comporta e qual é o seu tamanho.

E eu queria lembrar que, enquanto professor, no ano de 1969, quando 37 estudantes de medicina que foram perseguidos pela ditadura militar poderiam ser expulsos do curso, e a direção da universidade criou uma comissão de inquérito para apurar as acusações, o Prof. Fernando Figueira foi escolhido relator. Ele apresentou parecer em favor dos jovens e fez uma defesa da liberdade de expressão e da autonomia da universidade, duas coisas que estão sendo atingidas no dia de hoje. Em 1969, Fernando Figueira teve coragem de enfrentar isso e de defender a democracia. Conseguiu evitar quase a totalidade das expulsões desses alunos.

Então, homens como ele, como Miguel Arraes, como Eduardo Campos fazem muita falta ao nosso País. Como dizemos no interior de Pernambuco: são gente rara, gente de vergonha, gente de respeito.

Se todos nós tivermos a disposição de lutar por causas como essa, de dedicar as nossas vidas e colocar a prioridade do povo na frente de nossa prioridade, construiremos um País melhor. Não poderia terminar meu discurso de forma diferente. Queria pedir licença aos familiares para relembrar uma frase que Fernando Figueira disse: *"Enquanto houver, em minha terra, uma criança ameaçada de perder o que ela tem de mais sagrado — a sua própria vida — haveis de encontrar em mim um homem torturado"*.

Muito obrigado.

Viva Fernando Figueira! (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Humberto Costa. PT - PE) - Concedo a palavra ao Deputado Felipe Carreras, também requerente desta sessão solene.

O SR. FELIPE CARRERAS (PSB - PE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) - Bom dia a todos.

É uma imensa satisfação participar desta sessão, Sr. Presidente, autor do requerimento, Senador pernambucano, amigo Humberto Costa.

Quis o destino, Dr. Antonio Figueira, que esta fosse a primeira vez que eu falo na tribuna do Senado — acho que foi a sua também, não é Deputado João Campos? Portanto, é uma honra muito grande.

Eu quero saudar de forma muito especial o Senador Humberto Costa. Quero saudar de forma muito especial o meu amigo, meu irmão, meu colega o Deputado Federal João H. Campos. Quero saudar de forma muito fraterna o Secretário de Saúde do Estado, André Longo, neste ato representando o Governador Paulo Câmara. Quero saudar a querida amiga Deputada Estadual Roberta Arraes, representando a Assembleia Legislativa de Pernambuco. Aproveito para saudar também o querido amigo sertanejo Deputado Lucas Ramos, que se encontra presente. Quero saudar o Dr. Hildo Azevedo, Presidente da Academia Pernambucana de Medicina. Quero saudar o querido amigo, irmão o Sr. Antonio Carlos Figueira, filho do Dr. Fernando Figueira. Quero saudar a Presidente do IMIP, Dra. Sílvia, o querido amigo Deputado Renildo Calheiros, o querido amigo Deputado Fernando Monteiro, o querido amigo Administrador de Fernando de Noronha, Dr. Guilherme Rocha. Também representando a família Rocha, quero saudar o querido Ítalo Rocha. Eu tenho certeza de que o Vice-Presidente do IMIP gostaria de estar aqui. Sei que o seu coração está através de você, Dr. Guilherme. Quero saudar o querido amigo, ex-colega de trabalho da Prefeitura de Recife, o Dr. Jailson Correia, representando o Prefeito Geraldo Julio. Quero saudar o amigo Inácio Neto. Quero saudar o querido amigo rubro-negro Dr. Gilliatt Falbo. Eu quero cumprimentá-lo em nome de todos os médicos que se fazem aqui presentes, a Tota, a Fernanda Figueira.

Senhores e senhoras, todos os amigos que se fazem aqui presentes, quero cumprimentar, em nome de todos os funcionários do Congresso Nacional, da Câmara e do Senado, o Maurício, meu motorista, que está ali — acho que ele nunca foi citado aqui na Câmara.

Maurício, bom ver você aqui! Maurício foi motorista de Eduardo Campos.

Tenho certeza, Deputado João, que seu pai está muito orgulhoso, onde estiver. Está vendo-o aqui falar com muita propriedade, com muita desenvoltura para homenagear Fernando Figueira, a família Figueira, com que seu pai tinha uma relação tão grande — não é isso, Antonio Carlos? O orgulho é muito grande. Na solenidade de lançamento da Frente Parlamentar em Defesa da Saúde Preventiva, eu estava ao lado de dois ex-Ministros da Saúde, um dos quais o Deputado Alexandre Padilha.

Eu falava sobre a forma como os funcionários do Congresso Nacional cumprimentavam o Deputado João. Lembravam de Eduardo. Também os funcionários mais simples da Casa, além das autoridades, dos Deputados, dos Senadores, falavam com orgulho e com saudade do seu pai e reconheciam o jeito com que ele fazia política e tratava as pessoas.

Mas vamos falar do Dr. Fernando Figueira. Há pouco mais de 100 anos, exatamente no dia 4 de fevereiro de 1919, nascia em Portugal um homem que escreveria parte da história da medicina no Brasil. Filho do casal luso Joaquim Simão dos Santos Figueira e Maria Alice Pedrosa dos Santos Figueira, Fernando Jorge Simão dos Santos Figueira chegou ao Brasil ainda recém-nascido. Assim como milhares de portugueses que desembarcavam no País à época, seus pais vieram para uma nova vida em nosso Estado. Joaquim Figueira foi um grande comerciante no Recife e cafeicultor em Garanhuns, duas cidades que tanto amava. Porém, mesmo com o sucesso do pai, a vocação de Fernando Figueira era outra. Ele tinha nascido para dedicar sua vida a ajudar o próximo.

Fernando Figueira concluiu o ensino médio em Garanhuns e, aos 16 anos, ingressou na Faculdade de Medicina do Recife. Aos 21, formou-se médico, sendo um dos mais jovens de sua turma. Iniciou sua vida profissional como clínico geral na cidade de Quebrangulo — saúdo o Prefeito —, no interior de Alagoas, onde permaneceu até o ano de 1948. Passou por São Paulo, onde foi professor assistente da Universidade de São Paulo. No Recife, foi aprovado no concurso para livre-docência e se tornou professor da disciplina Pediatria na UFPE. Em seguida, assumiu o cargo de professor titular da Faculdade de Ciências Médicas. Atuou ainda como professor visitante nos Estados Unidos, no México e na França, em Paris. Durante toda a sua trajetória de vida, escreveu seis livros e mais de cem trabalhos na área científica. Também ocupou a vaga de Secretário Estadual de Saúde e foi pioneiro na elaboração de um plano de saúde para Pernambuco.

Quem teve o privilégio de conviver de alguma forma com o Dr. Fernando Figueira sabe que ele, ao longo de toda a sua carreira como médico e professor, sempre teve o sonho de construir um hospital-escola, de caráter filantrópico, destinado a atender a população carente. Em 1960, esse sonho foi concretizado por meio da sua grande obra: a fundação do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira.

Até hoje, o IMIP atua nas áreas de assistência médico-social, ensino, pesquisa e extensão comunitária. A unidade de saúde é voltada para o atendimento da população carente pernambucana e é reconhecida como uma das estruturas hospitalares mais importantes do País, sendo centro de referência assistencial em diversas especialidades médicas. Mensalmente, milhares de pessoas de todo o Estado são atendidas no local.

Tive oportunidade de conhecer o IMIP e visitá-lo algumas vezes. Portanto, posso dizer com propriedade que o instituto é o principal legado do querido Fernando Figueira. Durante toda a nossa trajetória política, também temos trabalhado com a finalidade de fortalecer ainda mais a unidade de saúde, por meio de emendas parlamentares, apoio institucional ou atendimento de qualquer demanda que possa surgir no dia a dia da instituição.

Não podemos deixar de lembrar também que, além do IMIP, o professor foi responsável pelas seguintes instituições: Fundação de Saúde Amaury de Medeiros — FUSAM; Laboratório Central de Pernambuco — LACEN; Centro Integrado de Saúde Amaury de Medeiros — CISAM; Centro de Oncologia da Faculdade de Ciências Médicas — CEON; Academia Pernambucana de Medicina; Centro de Hematologia e Hemoterapia de Pernambuco — HEMOPE; Associação Pernambucana de Médicos Generalistas; Associação Brasileira de Reprodução e Nutrição em Saúde Materno Infantil; Associação do Diabético Jovem; Associação Pernambucana de Apoio aos Portadores de Fibrose Cística; e Fundação Alice Figueira de Apoio ao IMIP — FAF.

Como podemos ver, o Prof. Fernando Figueira deixou um legado enraizado no acesso universal ao sistema público de saúde. Seu foco sempre foi o povo mais carente. Após conhecerem mais sobre a sua história na medicina, as pessoas passam a ter a mesma certeza que eu tenho: ele era um homem à frente de seu tempo.

Durante seus 84 anos de vida, recebeu diversos prêmios, condecorações e homenagens, sempre voltados à medicina social. Dentre as condecorações, destacam-se a Medalha Nacional da Ordem do Mérito Médico, Medalha do Mérito do Estado de Pernambuco, Medalha do Mérito do Município do Recife, Medalha do Mérito do IMIP, Medalha Frei Caneca, da Academia Pernambucana de Letras, Medalha São Lucas, da Sociedade de Medicina de Pernambuco, Medalha Ordem Mérito dos Guararapes e Comendador da Ordem de Malta. Cito apenas as principais.

Mas não poderíamos falar do Prof. Fernando Figueira sem falar de Nancy Figueira, que não pôde estar presente nesta sessão solene, mas está sendo muito bem representada pela família. Quem já teve a oportunidade de conversar com ela sabe quanto amava aquele homem, com quem conviveu por cerca de 50 anos, até a sua morte, em 1º de abril de 2003, em decorrência de um derrame.

Ao lado de Nancy, Fernando Figueira teve nove filhos: os administradores de empresas Manoel, Álvaro — o querido Maninho —, Fernando e Paulo, a enfermeira Maria Cristina, a educadora e executiva Maria Sílvia, o comunicador social José Augusto e os médicos Fernando Augusto e Antonio Carlos, um grande amigo e irmão que a vida me deu.

O Prof. Fernando Figueira já não está mais entre nós, mas, quando olho para esta belíssima família, tenho certeza de que existe um pouco dele em cada um de vocês. Hoje, meu sentimento é de alegria por termos tido o privilégio de ter o professor entre nós.

Quisera eu que surgissem no nosso Brasil mais dez, cinquenta, cem Fernandos Figueiras. Com certeza teríamos um País mais justo, igualitário e vanguardista.

Gostaria de concluir esta fala com uma frase do nosso homenageado, o Prof. Fernando Figueira: *"Conscientemente ou não, o homem somente se realiza plenamente quando se esquece de sua individualidade, se eleva e se projeta como parte integrante do imenso corpo social ao qual pertence"*.

A vocês que fazem parte da família Figueira, nosso muito obrigado! Que possamos aprender todos os dias com o exemplo deixado pelo nosso professor!

Vida longa à sua história!

Vida longa ao IMIP!

Um grande abraço a todos vocês! (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Humberto Costa. PT - PE) - Registro a presença de alunos do curso de Direito da Faculdade ISEPE, do Paraná.

Quero ainda registrar a presença do Deputado Estadual Lucas Ramos; do Presidente do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira, Sr. Gilliatt Falbo; do Presidente do Conselho Regional de Medicina de Pernambuco, Dr. Mário Fernando da Silva Lins; da Presidente do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira, Silvia Rissin; da Presidente da Fundação Alice Figueira de Apoio ao Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira, Elizabeth Veiga; e do Presidente da Fundação Professor Martiniano Fernandes, Sr. Domingos Joaquim Ferreira Cruz Neto.

Concedo a palavra ao Deputado Fernando Monteiro.

O SR. FERNANDO MONTEIRO (Bloco/PP - PE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) - Bom dia a todos.

Vou ser breve, porque acredito que há muita gente ainda para falar.

Cumprimento a Mesa por intermédio do Senador Humberto Costa e de Antonio Carlos Figueira.

Quero falar um pouco sobre o motivo de eu estar aqui hoje. Meu pai é de Quebrangulo. Quando o Dr. Fernando foi a Quebrangulo, o melhor amigo dele era o meu avô Antenor. Inclusive, o meu nome é Fernando graças também ao Dr. Fernando. Então, para mim, é uma honra poder estar aqui hoje contando um pouco dessa história, não a história do Dr. Fernando em Recife, não a história do IMIP — ele dedicou a sua vida a quem mais precisa —, mas sim a sua história em Quebrangulo, aonde ele chegou em 1940, se não me engano. Saiu de Recife e foi para uma cidade pobre do interior de Alagoas. Ele chegou a essa cidade para revolucionar a medicina.

Muitas vezes, ele pegava seu cavalo Satã e ia às fazendas atender as pessoas que não podiam ir à cidade. Eu acho que esse sentimento de devoção ao próximo, esse sentimento de caridade, esse sentimento de amor ao próximo o fez voltar a Recife. A pobreza das Alagoas, a sua função de revolucionar Quebrangulo, bem representado aqui pelo Prefeito Marcelo Lima, a necessidade das pessoas, isso foi o que o fez criar o IMIP.

Eu vejo até hoje, em quem é ligado ao IMIP, em quem é médico do IMIP, a paixão que têm ao servirem ao próximo. Eu vejo, em Tereza, em Gilliatt, em Iran, em Jailson, a paixão e o brilho do legado do Dr. Fernando, que é o amor à medicina, o amor ao próximo, o amor à transformação de sonhos em realidade, muitas vezes até abdicando da família e do seu tempo.

A política hoje, Deputado João, precisa disto, de pessoas que deixem seu tempo, deixem seus luxos, deixem suas vidas para se dedicarem à dos outros, a quem mais precisa.

Eu quero até reiterar o que disse o Senador Humberto Costa. O Dr. Fernando é o verdadeiro Mais Médicos, porque largou a Capital, foi para o interior, transformou sonhos em realidade e mudou a medicina. A homenagem hoje é a um pernambucano de coração, um alagoano de vocação e um apaixonado pela transformação da vida das pessoas.

Então, Antonio Carlos e família, fica em todos a admiração, o respeito e o carinho. Eu espero que as pessoas que conheçam a história do Dr. Fernando levem esse legado adiante, porque esse é o rumo de que a política atual precisa.

Bom dia a todos.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Humberto Costa. PT - PE) - Obrigado, Deputado Fernando Monteiro.

Registro a presença do Secretário-Executivo do Conselho Nacional de Secretários de Saúde do Brasil, o Sr. Jurandi Frutuoso; da Superintendente-Geral do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira, a Sra. Tereza de Jesus Campos Neta.

Saúdo o regente da banda de música do 1º Regimento de Cavalaria de Guardas do Exército, o Subtenente Elias Souza da Silva, a quem agradeço.

Passo a palavra ao Sr. André Longo, Secretário de Saúde do Estado de Pernambuco.

O SR. ANDRÉ LONGO - Bom dia a todas e a todos.

É uma honra estar nesta sessão solene, em que represento o nosso Governador Paulo Câmara.

Eu gostaria de cumprimentar o Senador Humberto Costa, que preside esta sessão e é requerente desta homenagem.

Cumprimento os Deputados Federais Felipe Carreras e João Campos, também requerentes desta sessão.

Quero saudar a Deputada Estadual Roberta Arraes, Presidente da Comissão de Saúde da Assembleia Legislativa de Pernambuco, cujo Presidente está aqui representando.

Saúdo o Presidente da Academia Pernambucana de Medicina, o Dr. Hildo Azevedo, e o colega de medicina e de secretariado, Antonio Carlos Figueira, filho do homenageado.

Igualmente saúdo a plateia.

Neste plenário, hoje, só há amigos e muitas autoridades. Para citar todos, eu teria que me estender bastante. Então, eu gostaria apenas de saudar todos os familiares do nosso Prof. Fernando Figueira; os Deputados Federais Renildo Calheiros e Fernando Monteiro; o Deputado Estadual Lucas Ramos; o Vereador Aderaldo Pinto; o Dr. Guido Correia de Araújo, que aqui representa a Universidade de Pernambuco, por intermédio de quem cumprimento toda a comunidade acadêmica; o Dr. Mário Fernando Lins, Presidente do Conselho Regional de Medicina de Pernambuco, por intermédio de quem saúdo toda a comunidade médica.

Trago o abraço fraterno do Governador Paulo Câmara, que hoje não pôde vir, por estar recebendo a comitiva presidencial em Pernambuco. Mas saúdo toda a família do Prof. Fernando Figueira, cujo centenário é lembrado e justamente homenageado hoje.

Parabenizo o Senador Humberto Costa e os Deputados Federais Felipe Carreras e João Campos pela iniciativa conjunta desta sessão solene.

O Prof. Fernando Figueira, com sua bela história e suas grandes realizações, tem uma grande importância para a saúde pública de Pernambuco e do Brasil e para toda a sociedade pernambucana. Pernambuco reconhece esse legado e tem uma dívida muito grande com toda a obra construída pelo Prof. Fernando Figueira.

Além de concretizar o sonho de sua maior obra, que foi o IMIP, grande patrimônio do povo pernambucano que atende milhares de pessoas diariamente, como já foi bem lembrado aqui pelo Deputado João Campos, uma instituição cem por cento SUS, que atende milhares de pessoas e salva muitas vidas diariamente, o professor também teve notável atuação como gestor público. Foi um dos fundadores do Instituto de Nutrição da Universidade Federal de Pernambuco; criou a Academia Pernambucana de Medicina; presidiu a Sociedade de Medicina de Pernambuco; como Secretário de Saúde de Pernambuco, de 1971 a 1975, foi pioneiro, como já foi muito citado aqui, na elaboração de um plano de saúde para o Estado. Criou ainda a Fundação de Saúde Amaury de Medeiros, a FUSAM; o Centro Integrado de Saúde Amaury de Medeiros, o nosso CISAM; o hemocentro de Pernambuco, o HEMOPE — saúdo a Presidente, Gessyanne Vale Paulino, que está aqui presente. Saúdo ainda a Presidente Rosilene Hans, do Laboratório Central, também criado pelo professor.

Como bem disse o Senador Humberto Costa, ele reformulou o atendimento psiquiátrico no nosso Estado, implantando a triagem dos doentes e evitando as hospitalizações desnecessárias.

Além de todas as suas realizações e obras, deixou um legado filosófico, como grande humanista focado nos problemas sociais do nosso povo e marcadamente das mães e das crianças em contexto de vulnerabilidade.

Concluo estas breves palavras citando um belo trecho que bem expressa sua atuação ímpar:

Não me perguntem o que tenho feito pela criança pobre da minha terra, e é quase tudo o que me é possível. Indaguem porque não faço mais, e eu responderei que realmente tenho feito pouco dentro das perspectivas do que pretendo. Isso se torna para mim um tormento diuturno. Ao perceber o abandono em que centenas ainda vivem, sinto que é preciso renovar a cada instante a doação de toda uma vida.

Esse era Fernando Figueira, um imortal.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Humberto Costa. PT - PE) - Convido a Deputada Estadual Roberta Arraes para fazer o seu pronunciamento, representando a Assembleia Legislativa de Pernambuco.

A SRA. ROBERTA ARRAES - Bom dia a todas e a todos.

Quero cumprimentar o Presidente, o Senador Humberto Costa.

Peço permissão, Sr. Presidente, para falar um pouco do que o Deputado Felipe falou. Pela primeira vez eu, uma sertaneja lá do Sertão do Araripe, uma mulher, estou nesta Casa. É motivo de muita honra para mim estar aqui hoje representando a Assembleia Legislativa.

É uma honra estar aqui hoje, não é, Deputado Felipe? Somos pernambucanos.

Quero cumprimentar o Sr. Deputado Felipe Carreras e parabenizar pela iniciativa também o Deputado Federal João Campos, filho do inesquecível Eduardo Campos e neto de Dr. Arraes.

Estas histórias se confundem, Deputado João, a de Dr. Fernando Figueira, a de seu avô e a de Eduardo Campos, homens que fizeram Pernambuco melhor.

Cumprimento também o Dr. André Longo, nosso Secretário de Saúde do Estado de Pernambuco, que tem enfrentado muitas adversidades, mas com muita maestria tem conseguido fazer a diferença no Estado de Pernambuco.

Cumprimento ainda o Presidente da Academia Pernambucana de Medicina, o Dr. Hildo Azevedo.

Faço um cumprimento especial ao Dr. Antonio Figueira, que foi Secretário de Saúde do Estado de Pernambuco. Gosto de lembrar os acontecimentos e falar deles. Eu me lembro muito bem, quando ele foi Secretário de Saúde do Estado, quando Eduardo Campos era Governador, do olhar que ele teve. Eu, que sou interiorana, que sou sertaneja mesmo, gosto sempre de falar das coisas boas que aconteceram no nosso sertão, e Figueira foi um homem que realmente fez a diferença no Sertão do Araripe. Muito obrigada.

Cumprimento todos os que estão aqui. Não vou repetir todos os nomes devido à escassez de tempo, mas quero cumprimentar meu colega Lucas Ramos.

Lucas, também estou aqui representando todos vocês.

Quero fazer um cumprimento especial também às mulheres. Vamos cumprimentar as mulheres. Cumprimento todas as mulheres ao cumprimentar a Sra. Elizabeth Veiga e também a nossa Secretária-Executiva no Estado de Pernambuco Ana Callou.

Neste momento, com muita emoção, prefiro ler o discurso que trouxe, para que não me furte a alguns detalhes.

Gostaria de registrar que é uma grande honra estar no eminente Congresso Nacional para representar o Presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, o Exmo. Sr. Eriberto Medeiros, nesta merecida homenagem ao centenário de nascimento do Prof. Fernando Figueira.

O ano de 2019 marca os 100 anos de nascimento de um homem cuja história de vida se entrelaça com o próprio desenvolvimento da saúde pública em Pernambuco e que contribuiu imensamente não só para estruturá-la como também para humanizá-la.

O Prof. Fernando Figueira, como ele fazia questão de ser chamado, foi, antes de um excelente educador e médico pediatra, um grande estadista e, ainda antes de um grande estadista, um ser humano iluminado, que tinha completa noção da profunda responsabilidade que possuía sobre a vida daqueles que o procuravam.

Dessa forma, para o professor, a Medicina precisava ser usada como ciência a serviço da população. Isso o fez extrapolar as fronteiras da pediatria para mergulhar em um modelo de atenção integral para a família, que se tornou referência para todos que trabalham com saúde pública, dos médicos aos gestores.

Dentre tantos feitos do homenageado, sua principal obra foi a criação, em 1960, do Instituto Materno Infantil de Pernambuco — IMIP. Essa é uma entidade filantrópica que atua nas áreas de assistência médico-social, ensino, pesquisa e extensão comunitária, possuindo um imenso complexo hospitalar voltado para o atendimento da população carente pernambucana. Posteriormente passou a se chamar Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira, em uma singela e justa homenagem a quem fundou e tanto amou a instituição.

O Prof. Fernando Figueira foi um visionário sempre em todas as suas atuações. Não podemos deixar de destacar seu imenso papel. Posicionou-se publicamente contra a indústria alimentícia no Brasil, proibiu a distribuição de leite em pó nas maternidades. Iniciava-se aí um grande incentivo ao aleitamento materno.

Ao longo de sua vida, como homem de extrema coragem, perseverança e capacidade de lutar em prol dos mais necessitados, mostrou-se um verdadeiro paladino dos direitos da criança brasileira e nos ensinou muitas lições, entre elas a de que devemos ter esperança em dias melhores. Isso vale especialmente no cenário social e político que atravessamos no País. Não podemos deixar de mão a luta incansável pela coletividade, com solidariedade e a certeza de que há muitas coisas que podemos fazer uns pelos outros, pois, apesar das diferenças, somos todos irmãos.

Vamos semear uma atitude mais solidária, semear o perdão, incubar a participação comunitária, nutrir as ações coletivas e os bons exemplos de dedicação, muitas vezes anônimos.

Lembremos, ainda, uma lição em particular, a qual ele pregava com veemência: *"O exercício da medicina não deve se subordinar à crueza das leis econômicas. Ele deve ser regido pelas necessidades sociais de um povo em determinado momento histórico"*.

Sem dúvida, essas são reflexões que todos nós devemos fazer, retirando ensinamentos da obra de Fernando Figueira, personalidade ímpar que sempre batalhou no resgate da enorme dívida social, manifestada nos desajustes e contrastes do processo de saúde e doença, com uma das maiores contribuições à medicina de Pernambuco no século XX.

Antes de concluir, parabênizo o Senador Humberto Costa e os nobres Deputados João Campos e Felipe Carreras pela iniciativa de louvável homenagem.

Manifesto minha grande admiração e respeito ao trabalho desempenhado pelo homenageado trazendo algumas de suas belas palavras que nos motivam diariamente. Já foram ditas, mas é bom relembrá-las: *"Enquanto houver, em minha terra, uma criança ameaçada de perder o que ela tem de mais sagrado, sua própria vida, haveis de encontrar em mim um homem torturado"*.

Muito obrigada. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Humberto Costa. PT - PE) - Antes de conceder a palavra ao Dr. Hildo Azevedo, registro a presença do Dr. Cláudio Duarte, Diretor do Hospital dos Servidores do Estado de Pernambuco.

Tem a palavra o Dr. Hildo Azevedo.

O SR. HILDO AZEVEDO - Cumprimento o Senador Humberto Costa, Presidente desta sessão, por intermédio de quem saúdo as demais autoridades que integram a Mesa.

Deputado João Campos, neste momento eu presto homenagem à figura do meu querido Governador Eduardo Campos.

Eu devo dizer que, mercê da sua atitude para com o meu querido Hospital da Restauração e, sobretudo, para o nosso serviço, nós pulamos, a partir de 2006, de pouco mais de mil cirurgias por ano para 3.500. Eu acredito que somos o serviço, em termos de neurocirurgia, que mais opera, por meio do SUS, na América do Sul. Muito obrigado.

Estimado colega Antonio Carlos Figueira, é um prazer estar aqui. Ao saudá-lo, eu saúdo todos os familiares do meu querido professor.

Minhas senhoras e meus senhores, boa tarde a todos.

Extremamente honrado e envaidecido, compareço a esta tribuna no dia de hoje em cerimônia promovida pelo Congresso Nacional com o fito de homenagear a figura do Prof. Fernando Simão dos Santos Figueira, quando se comemora o centenário do seu nascimento.

Como um agradecido ex-pupilo do professor, tento controlar o teor emocional das palavras que o coração manda proferir. Contudo, como Presidente da Academia Pernambucana de Medicina, terei de obedecer ao ritual que este evento memorável demanda.

A Academia Pernambucana de Medicina foi uma das inúmeras e formidáveis ações oriundas do privilegiado cérebro do querido professor, sempre em contínua e profícua atividade. Mercê de ideia sua, ele congregou um grupo de prestigiosos médicos pernambucanos e fundou a nossa instituição no dia 17 de dezembro de 1970.

Considero Fernando Figueira, sem exagero, o maior *scholar* da nossa história médica. Com efeito, juntamente com Maciel Monteiro e Octavio de Freitas, compõe a tríade mais representativa da medicina local. A seu tempo, todos foram fundadores de instituições que modificaram a nossa realidade.

Fui admitido como membro titular da nossa academia no dia 2 de junho de 2000, ocupando a cadeira 9, com muito orgulho, sob o seu prezadíssimo beneplácito. Da mesma forma, em 1978, recebeu-me no IMIP quando acreditou em um jovem neurocirurgião que, na ocasião, necessitava de um pequeno espaço para trabalhar. Ainda em 1978, a bravura de Fernando Figueira foi responsável por salvar um número imenso de pacientes. Naquela ocasião, na condição de Diretor da Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco, mandou transferir para o Hospital da Restauração, à época quase sem condições de operar, todo um equipamento neurocirúrgico, inclusive um microscópio, que estava guardado e sem uso nas dependências do Hospital Oswaldo Cruz, esperando que herdeiro da liderança acadêmica da especialidade voltasse do exterior. Em consequência desse fato, não se incomodou quando um colega de congregação, ao que parece, rompeu relações com ele. O bem-estar maior da coletividade era infinitamente superior a qualquer borrasca que viesse a enfrentar na esfera do relacionamento pessoal.

Fernando Figueira era um homem público dotado de inusitada coragem cívica e pessoal. Esse fato foi por ele a mim confidenciado. Em meados de 1969, em plena vigência do AI-5, o poder militar ordena que a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco casse quase 40 alunos considerados comunistas ou esquerdistas, tendo Fernando Figueira sido designado relator desse nefasto processo. Como é fácil imaginar, o professor inocentou todos. Um parente de um dos potencialmente cassados era membro do corpo docente da faculdade e procurou Fernando Figueira nesses termos: *"Fernando, se você inocentar a todos, os militares, em represália, indubitavelmente cassarão a todos. Então, casse três ou quatro que eles ficarão satisfeitos e certamente abrandarão a sua ira"*. Sem dúvida, o parente do docente deveria ficar fora do processo de cassação. Imediatamente, Fernando Figueira, sentindo repugnância por tão torpe proposta, levantou-se da sua cadeira e, de forma enérgica, colocou o docente para fora da sala. Posteriormente, lamentavelmente, três ou quatro daqueles jovens foram eliminados dos bancos acadêmicos de medicina, punição essa que deveria perdurar por 3 anos.

Fernando Figueira soube conviver com os abastados, ajudá-los sempre que necessário, angariando, por vezes, dos que mais detinham ajuda primordial para os desvalidos e humildes. Sua bravura, sobretudo quando se opunha ao regime autocrático, só é menor quando comparada àquela com que defendeu "as suas mulheres e crianças do IMIP".

Tenho afirmado repetidamente que considero o SUS o maior instrumento de inclusão social desde a introdução do salário mínimo. Pois bem, em 1972, quando ocupava o cargo de Secretário de Saúde do Estado de Pernambuco, o Professor criou a Fundação de Saúde Amaury de Medeiros — FUSAM, que se adiantava em 16 anos ao advento do SUS em 1988.

A FUSAM, de acordo com as ideias de Fernando, erradicava o malsinado nome e a vergonhosa situação do chamado indigente. Em todos os hospitais públicos de Pernambuco, cidadãos desprovidos de quaisquer situações financeiras ou proteção previdenciária deveriam ter os mesmos direitos dos chamados pensionistas, não havendo, portanto, distinção no que concerne ao atendimento médico. Era estabelecido um planejamento da medicina primária e os programas de residência médica foram orientados a privilegiar primordialmente as áreas básicas. Pela primeira vez se estruturava hierarquicamente um sistema de saúde, utilizando o extenso número de hospitais estaduais, pois Pernambuco, naquela época, talvez possuísse a maior rede no País. O nível de complexidade das patologias era adequadamente gerenciado, sendo a produção e o compromisso da classe médica republicaneamente monitorados.

Ademais, outro marco fundamental dessa ideia inovadora, à semelhança do Serviço Nacional de Saúde britânico, foi o entendimento e a consequente implantação da seguinte proposta: todos os hospitais públicos deveriam também participar, de forma ativa, do ensino e do aprendizado dos alunos dos cursos de saúde, sobretudo no que tange à graduação.

O CISAM, o CEON e o HEMOPE são exemplos perenes dessa decisão histórica. Não havia mais lugar, acreditava ele, para os hospitais gerais que fossem responsáveis por todo o aprendizado prático das nossas faculdades, albergando, por consequência, todas as especialidades. Não poderia haver palco melhor para o ensino do alunato do que a extensa grade assistencial de que o Estado de Pernambuco dispunha. Por outro lado, com essa nova visão, os professores deveriam ser persuadidos do seu dever social de prover o atendimento por ocasião das suas atividades docentes. Tudo isso eu presenciei quando comecei a trabalhar na Universidade de Oxford, a partir de 1973.

Todavia, um dos fatos que mais me marcou e que denota a inteligência singular de Fernando Figueira, no que tange à melhoria da saúde e do ensino médico em Pernambuco, foi a mudança do nome do Hospital do Pronto Socorro do Recife para Hospital da Restauração, em 1972, e a transferência da sua propriedade e da sua direção para a Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco, cuja direção viria a ocupar após deixar a Secretaria Estadual de Saúde.

Colocando naquele querido nosocômio, à época, hoje nau capitânia da saúde no Estado, o nome "Hospital da Restauração", Fernando Figueira queria homenagear a Restauração Pernambucana, movimento cívico-militar que nos libertou de 24 anos

de domínio batavo. De outra forma, com essa nova denominação, ele queria significar a transformação que a introdução da FUSAM proporcionava. Aquele hospital deveria ser o grande timoneiro da restauração da assistência e do treinamento médico no nosso Estado, integrando lado a lado professores e médicos não docentes debaixo de um só teto e regidos por um só lema: *melhorar o atendimento e aprimorar o ensino*.

Infelizmente, administradores que lhe sucederam não quiseram entender essa nova realidade e, por orgulho ou interesses pessoais menos dignos, desfizeram em parte tão nobre associação. Anos depois, entretanto, esse novo conceito foi sendo paulatinamente recuperado e, após 1988, se tornou constitucionalmente inserido no ideário do SUS.

Muito poderia ainda se falar sobre o médico, sobre o educador, sobre o ativista social, sobre o homem público que foi Fernando Figueira — por certo, vários desses aspectos foram aqui analisados —, porém eu encerro dizendo que o professor foi um patriota à frente do seu tempo e diferente dos seus pares, restando para nós pernambucanos sermos extremamente agradecidos por ele ter decidido viver entre nós.

Muito obrigado e que Deus proteja o nosso Brasil! (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Humberto Costa. PT - PE) - Concedo a palavra ao Sr. Antonio Carlos Figueira, filho do homenageado.

O SR. ANTONIO CARLOS FIGUEIRA - Boa tarde a todos.

Quero, inicialmente, saudar o Presidente desta sessão, o meu amigo e colega médico Senador Humberto Costa, a quem tanto o Brasil e Pernambuco devem pela sua profícua vida pública, não só no Parlamento como também no Poder Executivo, como Secretário de Saúde do Recife e Ministro da Saúde de um ilustre pernambucano, o Presidente Luiz Inácio, quando criou a Farmácia Popular, o SAMU e foi também responsável pelo resgate de uma grande dívida histórica com o lançamento do Programa de Saúde Bucal. O SUS começou em 1988, mas só em 2003 a saúde pública bucal passou a ter uma política, graças à sensibilidade e à visão ampla do nosso Senador Humberto Sérgio Costa Lima.

Quero saudar o meu irmão, meu amigo e ex-colega de secretaria Deputado Felipe Carreras. É um orgulho muito grande tê-lo como um grande amigo. Felipe, quero também saudar a sua noiva, Amanda Richter, que veio lá do Rio de Janeiro para nos prestigiar.

Saúdo o Deputado João H. Campos — faço isso rapidamente, porque, todas as vezes em que falo de João, eu me emociono muito.

Saúdo o Secretário de Saúde André Longo e a Deputada Estadual Roberta Arraes, Presidente da Comissão de Saúde da Assembleia Legislativa de Pernambuco.

Saúdo, de maneira muito especial, o nosso querido Deputado Lucas Ramos. Eu sei por que ele está aqui: ele tem nos seus pais — o nosso querido Conselheiro Ranilson e a minha colega Marta Ramos, que tinha o meu pai como uma referência — grandes admiradores da obra de Fernando Figueira.

Lucas, transmita a eles o meu abraço e a minha gratidão!

Quero registrar uma coincidência muito singular, que tem muito a ver com Fernando Figueira. Saudando o Vereador Aderaldo, lá de Recife, e o Vereador Josival, lá de Afrânio, que é a última cidade de Pernambuco — então, o litoral e o sertão se unem —, quero dizer que, assim como o meu pai, nós temos um profundo respeito pela classe política. Ele dizia que os políticos são os únicos servidores públicos que, a cada 4 anos, se submetem ao julgamento do povo.

Quero saudar especialmente as mulheres, aqui representadas pela Silvia Rissin, Presidente do IMIP; pela Bessy Veiga, Presidente da Fundação Alice Figueira; e pela Dra. Tereza Campos, essa sertaneja valente, Superintendente do IMIP.

Por fim, quero fazer uma saudação muito especial. Deixei os Deputados Renildo e Fernando para o fim, porque eu queria dizer que são a representação de um Estado pelo qual meu pai tinha um grande carinho e uma grande gratidão, porque acolheu um jovem de 21 anos, impetuoso. Eu imagino as histórias que vocês têm sobre Fernando Figueira, com 21 anos, médico, em Quebrangulo.

Saúdo o Marcelo Lima, grande amigo, genro de Mainha, lá da Fazenda do Riachão, onde meu pai caçava com o seu sogro.

Saúdo Paulo Veloso, filho do compadre João, lá de Quebrangulo, irmão do queridíssimo Padre Reginaldo Veloso.

Saúdo o Fernando Monteiro, filho do compadre Antenor Fernandes, que tão bem o acolheu e com quem construiu uma amizade que perdurou por todas as suas vidas.

Saúdo todas as entidades médicas, na pessoa do Mário Fernando e do Prof. Hildo Cirne de Azevedo Filho — eu fiquei emocionado com as suas palavras. Saúdo o Prof. Guido Correia de Araújo, que representa a Universidade de Pernambuco, onde meu pai, durante mais de 30 anos, militou. O Prof. Guido também foi Presidente da Associação Brasileira de

Educação Médica — ABEM, que foi criada pelo meu tio Antônio Figueira. O meu pai teve a honra de ser também Presidente da Associação Brasileira de Educação Médica.

Saúdo a Rosilene, do LACEN. Saúdo a nossa Gessyanne, figura importante da saúde pública, que agora está começando um desafio no HEMOPE. Não foi nada fácil criar o HEMOPE, porque o sangue era uma mercadoria, era um produto. Para quebrar esta questão, precisou-se de determinação e de planejamento. Primeiro, médicos foram mandados a França e, depois, houve uma grande luta. Hoje em dia, o HEMOPE serviu de inspiração para a criação do Programa Nacional de Sangue e Hemoderivados, do Ministério da Saúde.

Saúdo o Cláudio Duarte, Diretor do Hospital dos Servidores de Pernambuco. Saúdo os ex-Presidentes de IMIP, Gilliatt Falbo, Carlos Santos da Figueira; o meu amigo e dileto companheiro do CONASS Jurandi Frutuoso, a quem tanto a saúde pública deve. Quero agradecer a determinação e o empenho que ele tem tido à frente do CONASS, como Secretário Executivo, principalmente nesses momentos em que a saúde brasileira passa pelo mais grave subfinanciamento, com questionamentos filosóficos de quem luta por uma saúde para todos.

Quero saudar, de maneira especial, dois grandes amigos de meu pai: o Prof. Aloísio Costa e Silva e a Dra. Merione, que também foi Presidente do HEMOPE. Eles estão radicados aqui em Brasília há mais de 30 anos. Muito nos honra a presença de vocês. Transmitirei isso ao Guilherme Robalinho. Sei que ele também estaria muito feliz.

Meus amigos, minhas amigas, antes de mais nada, eu gostaria de agradecer a esta Casa, a Casa de todos os brasileiros. Quero registrar, de forma muito especial, a minha gratidão. O meu pai sempre me ensinou que gratidão é dívida que não prescreve. Então, Deputado Felipe, Deputado João, Senador Humberto Costa, tenham certeza de que a gratidão nos marcará e nós a levaremos conosco — não só a Família Figueira, como também todos os que fazem o IMIP.

Eu queria registrar a presença dos meus irmãos Maria Sílvia e Fernando Augusto, representando todos os nove.

Neste ano, mais precisamente no dia 4 de fevereiro, o idealizador do IMIP, Fernando Figueira, completaria 100 anos. Cito o IMIP porque essa foi a sua primeira grande obra social, hoje o maior hospital a utilizar recursos do SUS no Nordeste brasileiro. E é também referência para toda a população carente de qualquer Estado da Região Nordeste. São assistidos diariamente no IMIP mais de 5 mil alagoanos, mais de 7 mil paraibanos, milhares de baianos, cearenses, maranhenses, tocantinenses, goianos. Numa casa onde haja crianças pobres, nas capitais ou nas mais distantes cidades sertanejas, o IMIP é a primeira palavra que se ressalta quando os pais precisam proteger os filhos, garantindo a eles assistência de saúde.

Mas, como disse, o IMIP foi apenas o ponto de partida da sua história. Fernando Figueira, meu pai, foi um homem múltiplo, que, na condição de médico, educador, pesquisador, gestor, criou diversas instituições no âmbito da saúde e do ensino, sobretudo em Pernambuco, deixando para todos um legado consistente. Representante do seu tempo e à frente dele, fez parte de uma geração de personalidades que marcou a segunda etapa do século XX em Pernambuco, como o ex-Governador Miguel Arraes, o ex-Prefeito e amigo Pelópidas Silveira, o seu grande amigo Arcebispo D. Hélder Câmara, Gilberto Freyre, os médicos e cientistas Nelson Chaves e Josué de Castro, o educador Paulo Freire e o artista plástico Cícero Dias. Era um momento em que o Brasil pensava em construir um projeto de nação.

O professor e pediatra se transformou em um patrimônio da nossa medicina, mas também em patrimônio do ensino médico da gestão, pelos serviços prestados enquanto secretário de saúde, na década de 1970. Por onde passou, fincou a bandeira de desbravador e também de defensor da ética e das boas práticas sociais.

Soube, como alguns raros, combinar, a partir da medicina, a assistência à saúde com a pesquisa e o ensino. Para ele, a associação docente assistencial era fundamental. Não se ensina falando, ensina-se exercendo. Mais valem os atos do que a fé, segundo Santo Antônio, de quem ele era devoto. Ele criou o IMIP no dia 13 de junho por causa de Santo Antônio, que tinha como nome de batismo Fernando.

Conseguiu gerir o bem público com transparência e bem aproveitamento o que havia disponível. Deu dimensão e reconheceu a importância das instituições universitárias na área da saúde. Como secretário, doou todo o complexo hospitalar à Universidade de Pernambuco, para que fosse um hospital de ensino da nossa querida Faculdade de Ciências Médicas.

Como toda pessoa movida pelo sonho e consciente da sua força de realizações, foi um profissional inquieto, que se angustiava com as desigualdades sociais. Era um inconformado que tinha a intenção de mudar o modo de agir na atenção à saúde da mulher e da criança e, posteriormente, de toda a família. A prática do aleitamento materno, hoje corriqueira, se deve, em grande parte, à sua luta enquanto pediatra. Uma portaria de 1974 foi a primeira portaria do mundo que proibiu a distribuição de leite industrializado. Ainda hoje, essa sua decisão enfrenta resistências por parte da grande indústria alimentícia.

O Prof. Fernando Figueira também fundou diversas instituições aqui já nominada pelos que me antecederam. A soma de todas essas instituições é o que revela a virtude de Fernando Figueira. Ele foi digno do que construiu, e a virtude de um homem é aquilo que o faz ser reconhecido, é a sua excelência própria, ou seja, a sua humanidade. Fernando Figueira tornou-se o que hoje sabemos dele pelo cruzamento do que ele foi com sua maneira de agir bem e humanamente. O mundo de hoje precisaria de outros Fernandos Figueiras, que entendessem a justiça social como a construção da solidariedade coletiva.

A todos o meu muito obrigado e a nossa gratidão. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Humberto Costa. PT - PE) - Concedo a palavra ao Dr. Jailson Correia, Secretário de Saúde do Recife.

O SR. JAILSON CORREIA - Boa tarde a todos e a todas.

Saúdo e parabeno o nosso ex-Secretário de Saúde do Recife e ex-Ministro da Saúde Senador Humberto Costa, que, juntamente com os queridos Deputados Federais João H. Campos e Felipe Carreras, propôs este evento de hoje.

Na pessoa da Roberta Arraes, nossa representante da ALEP, quero saudar todas as mulheres aqui presentes. Na pessoa do Prof. Hildo Azevedo, quero saudar todos os que representam as instituições que tiveram uma marca registrada pela passagem do Prof. Fernando Figueira.

De forma especial, eu queria cumprimentar dois grandes amigos: André Longo, Secretário Estadual de Saúde de Pernambuco, e Antonio Carlos Figueira, filho do homenageado. Os dois são minhas referências de gestão e minhas referências de trabalho. É neles que eu me espelho para tentar fazer o meu trabalho lá na Secretaria de Saúde.

Ao desenhar o Congresso Nacional, senhoras e senhores, familiares e amigos do Prof. Fernando Figueira, Oscar Niemeyer presenteou o País com uma ode genial à democracia representativa bicameral. No Senado, de cúpula côncava e convidativa à reflexão, em cujo carpete azul passam as regras e os destinos da Nação, hoje é prestada uma justíssima homenagem a Fernando Jorge Simão dos Santos Figueira ou, como era carinhosa e respeitosamente chamado, o Professor.

Estou profundamente honrado e tocado pela imensa responsabilidade de aqui correpresentar uma legião de discípulos, seguidores, admiradores e amigos desta figura icônica, inesquecível, ímpar e plural.

Todos aqui nos recordamos de excelentes médicos, guardamos as lições dos nossos melhores professores, admiramos a sabedoria dos visionários, a audácia investigadora dos bons cientistas. Temos apreço pela capacidade de entregar de ótimos gestores e de arriscar, que é a capacidade dos empreendedores. Mas, quando todas essas competências estão reunidas num só ser humano, deparamo-nos com um raríssimo exemplar da espécie, que, tal como matéria condensada, irradia ampla energia criativa e criadora, com requintes de uma certa alquimia de quem sonha e transforma os sonhos em realidade. Fernando Figueira: um verdadeiro *dreamer-doer*, sonhador que faz.

Engana-se, entretanto, quem pensa que sua plural habilidade o fazia seguir sozinho. Ao contrário, a sua liderança era exercida, como aqui já foi dito, com incrível naturalidade, a partir do argumento eloquente do exemplo.

Elegante, erudito, sem perder uma profunda ligação com os sentimentos do povo desvalido, o Professor era sagaz e determinado, tinha olhos aquilinos para ler as pessoas e carisma de sobra para engajá-las em seus projetos sociais. Numa carta, ele despertou na então Primeira-dama dos Estados Unidos da América, Jacqueline Kennedy, a confiança para doar equipamentos para um longínquo instituto que nascia no Nordeste brasileiro, o IMIP. O Professor foi construindo, ao longo de sua trajetória, uma reputação ilibada, de homem reto, compromissado e capaz de entregar resultados, mas também reputação de homem de coragem cívica admirável, como aqui já foi lembrado também. Seu firme posicionamento ao enfrentar a então toda poderosa indústria de alimentos artificiais para crianças o qualificaria, por si só, para esta homenagem de hoje, mas, como vimos, muitas são as ações do Prof. Fernando Figueira e há muito mais a dizer.

Assim, pela extensão e para evitar repetições, refiro-me aqui a uma leitura obrigatória para quem quiser compreender suas origens, escolhas e trilhas: a imperdível biografia intitulada *Fernando Figueira — o Homem que Arrastou Rochedos*. Que felicidade teve Cícero Belmar ao intitular a biografia deste homem que nós estamos aqui para homenagear!

Essa biografia nos leva a Figueira da Foz, a Garanhuns, a Quebrangulo, em Alagoas, a São Paulo e de volta ao Recife, cidade onde se tem a maior ideia da amplitude do seu legado.

A propósito, há um clássico da literatura mundial escrito por um médico britânico que se chama *A Cidadaela*, cuja leitura nos faz lembrar de Fernando Figueira em Quebrangulo, como todos os elementos da figura do médico de família em comunidades, antes de se tornar o grande pediatra que todos nós conhecemos.

Esse legado inclui grandes contribuições, aqui já lembradas, em todos os aspectos das suas múltiplas habilidades. A sua história mais proeminente é exatamente o IMIP, que hoje leva seu nome. A história do IMIP se confunde com a sua

trajetória. As dimensões do IMIP dão ideia da sua largueza: hospital, centro de pesquisa, *think tank* e escola, hoje reforçada pela existência da Faculdade Pernambucana de Saúde. Ali se aprende que cada pessoa atendida não pode ser reduzida a um caso clínico; ela é e representa uma causa a ser defendida.

Em conclusão, uma reflexão sobre o passado, o presente e o futuro. Nesses 100 anos, desde o nascimento do Professor, a mortalidade infantil caiu para um décimo do que era até então e não menos do que 30 anos foram acrescidos à expectativa de vida do brasileiro. Mas os ganhos e os sucessos do passado não são garantia de sucesso no futuro.

Por isso, o momento presente é de grande preocupação, especialmente pelo agravamento das desigualdades sociais — que estão no coração dos problemas da pediatria social que o Prof. Fernando Figueira tão bem descreveu e pela qual tanto lutou — e suas nefastas consequências para a saúde desses mesmos desvalidos, especialmente dos mais pobres da nossa sociedade.

E já foi muito bem lembrada aqui pelo Deputado João H. Campos a questão da educação, que, aliás, é a única via para o desenvolvimento verdadeiro, justo e sustentável. Na hora em que esses dois pilares de uma sociedade, como a sociedade brasileira, se encontram sob ameaça, como é que poderíamos imaginar, Tereza, que o Prof. Fernando Figueira reagiria? Haveria determinação e clareza cristalina de princípios. Ele iria bater a mão na mesa, talvez com um cachimbo do outro lado, e gritar: "*Chega de subdesenvolvimento!*" Essa cena foi descrita e publicada por Márcio Moreira Alves. Ele descreveu para o Brasil, em artigo editorial no jornal *O Globo*, como era o Prof. Fernando Figueira.

Assim, toda vez que alguém faz o exercício de lembrá-lo, como nós o fazemos aqui, há prova cabal de que o Professor transbordou a sua própria finitude na transcendência da sua obra e na imortalidade das suas ideias.

Como dizia D. Hélder, grande amigo do Professor, quando os problemas se tornam absurdos, Senador, os desafios se tornam apaixonantes.

Aqui fica o grande recado dele, para que possamos seguir, apaixonadamente, as trilhas abertas pelo Professor.

Viva o IMIP! Viva o Sistema Único de Saúde do Brasil! Viva Fernando Figueira! Viva a democracia! Viva o povo brasileiro! (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Humberto Costa. PT - PE) - Quero registrar e agradecer a presença do Senador Eduardo Girão.

Quero saudar a Sra. Ana Callou, Secretária-Executiva da Secretaria da Mulher do Governo de Pernambuco.

Concedo a palavra ao Sr. Marcelo Lima, Prefeito de Quebrangulo, em Alagoas.

O SR. MARCELO LIMA - Boa tarde a todos. Eu gostaria de saudar o Senador Humberto Costa, responsável maior por esta sessão de homenagem, e todos os presentes. Nós não poderíamos deixar de participar desta solenidade.

A pequena Quebrangulo, no interior de Alagoas, apesar do tempo — foi em 1940 —, jamais esqueceu a figura humana do médico Fernando Figueira. Essa relação de amizade, construída em apenas 8 anos de permanência do Dr. Fernando Figueira na cidade de Quebrangulo, durou por toda uma vida e continua com seus familiares e com as famílias de Quebrangulo.

Falamos aqui sobre o Programa Mais Médicos. Eu acredito que Fernando Figueira representa muito a figura do médico da cidade do interior, a importância do médico nos longínquos recantos deste País.

Muitas histórias nós temos na cidade de Quebrangulo que lembram o Fernando Figueira. Ele deixou não apenas a medicina em Quebrangulo, mas também o Clube Monte Castelo.

Todos falamos aqui sobre medicina e saúde, mas eu queria falar um pouquinho da história e sobre a importância de um médico para uma cidade, ao levar a cultura e até mesmo o entretenimento, que foi o que ele fez em Quebrangulo.

Em um belo dia, o pessoal se reunia no bar central da cidade onde havia uma mesa de bilhar, e Fernando Figueira reclamava e dizia: "*Por que não tem aqui um lugar para nos reunirmos, um clube social?*" "*Ah, Dr. Fernando, nós não temos condições.*" Ele disse: "*Vamos iniciar agora esse clube.*" Chamou a pessoa que andava com ele, que era um enfermeiro, e começou a mandar bilhetes para as pessoas que tinham mais posses na cidade. Os bilhetes do Dr. Fernando eram assim: "*Solicito um empréstimo de tantos contos.*". Ao final da noite, estava ali o dinheiro necessário para comprar a casa de uma família que estava saindo da cidade, e essa casa daria para ser transformada em um clube. No bilhete, ele dizia que depois explicaria para que serviria aquele dinheiro. Então, ele reuniu todos e disse: "*Esse dinheiro é para a compra da casa que será a sede do clube.*".

O clube ainda não tinha nome, mas fizeram uma reunião para sua inauguração. Pelo rádio ouviam-se notícias sobre a Batalha de Monte Castelo: "*O Brasil vence a Batalha de Monte Castelo.*" Aí, ele disse: "*Está aí o nome do nosso clube.*". Comemoraram a inauguração do clube e, na mesma noite, surgiu o Clube Monte Castelo.

Nós tivemos este clube até 2010, quando ele foi destruído pelas enchentes. Em seu local, nada mais foi construído. Quando nós falamos sobre essa enchente, esse fato pesa um pouco sobre nós. (*O orador se emociona.*)

Nós idealizamos que lá seja feito um memorial ao Dr. Fernando Figueira, a quem nós já homenageamos com o CAPS da cidade de Quebrangulo. O CAPS da cidade de Quebrangulo tem o nome de Dr. Fernando Figueira. Isso nos representa muito e é muito estimado por todos os quebrangulenses.

Quero deixar um abraço a todos os integrantes da Mesa e, especialmente, ao filho do Dr. Fernando Figueira, que conhece a nossa cidade de Quebrangulo e já esteve lá por diversas vezes.

Muito obrigado a todos! (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Humberto Costa. PT - PE) - Concedo a palavra ao Dr. Malaquias Batista Filho, para fazer o seu pronunciamento.

O SR. MALAQUIAS BATISTA FILHO - Eu me apodero das mensagens de saudação das diversas instituições e pessoas que aqui apresentaram o seu depoimento nesta sessão comemorativa dos 100 anos de nascimento do Prof. Fernando Figueira. Depois de tantas exposições e pequenas brechas que eventualmente foram tratadas — e essa palavra "brecha" é simbolicamente interessante —, eu gostaria de dizer muito mais.

Fui convidado para fazer um depoimento, como participante, das experiências que tive juntamente com o Prof. Fernando Figueira. No entanto, nunca nós faríamos esse recorte tão limitado. Nós tivemos sempre demandas adicionais de caráter integrativo ou interpretativo, e eu daria essa nota de distinção ou de particularidade à minha intervenção.

Antes de mais nada, eu acho que a própria história do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira — IMIP já conta a mensagem, o trabalho e o compromisso que estão por trás disso.

Antigamente, o foco era um tanto isolado na criança, com o Instituto de Medicina Infantil de Pernambuco, o que dava, de fato, ao compromisso uma dimensão um tanto quanto pequena. Mas, já nessa época, o discurso que se tinha em termos de ensino, em termos de trabalho, era o de ver a criança de uma forma bem mais ampla. E a carta do IMIP — acredito eu —, na primeira edição do seu livro de pediatria, já dava conta de que não se poderia ficar apenas na visão estreita de um paciente, mas sim de envolver as várias dimensões que constituem o processo saúde-doença. Isso se cumpriu ao longo das próprias denominações que o IMIP foi assumindo: passou a ser Instituto Materno Infantil de Pernambuco — e aí já se colocava o foco sobre dois pacientes de elevada significação em termos de saúde pública; depois, finalmente, passou a ser Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira.

A palavra "medicina" pode até parecer um pouco reducionista, mas a medicina foi a forma de salvar, muito provavelmente, a denominação histórica do IMIP. Desde então, não se trata apenas da questão de medicina ou do problema visto sob o ângulo de observação de um particular isolado, mas da saúde sob o ponto de vista integral.

E esse é um ponto de referência muito significativo para a evolução, seja da questão de saúde como um todo, que, acho, é o desenvolvimento humano, seja muito particularmente na área de saúde. Então, o desenvolvimento humano é, de fato, um pensamento filosófico que se converte em ação, direcionando ou encaminhando os problemas humanos para o foco que tem que ser tratado de forma global e, muito provavelmente, dentro de duas ou três gerações. Nesse caso, a necessidade se torna muito urgente.

O IMIP, ao assumir essa nova denominação, incorpora também uma doutrina de pensamento e de ação que devem ser valorizados. Eu creio que o Prof. Fernando Figueira pensava muito nisso. Creio não, estou absolutamente convicto, até pelas conversas que nós tínhamos, de que essa era a direção a ser dada.

Podemos fazer uma referência à pesquisa interamericana sobre a mortalidade infantil. Trata-se de uma pesquisa que foi feita em quinze cidades do mundo, uma das quais nos Estados Unidos, três, no Brasil, e as demais em outros países.

Mas essa pesquisa interamericana de mortalidade infantil não influiu apenas em mudar o curso — o que já é uma tarefa muito grande — da visão da saúde da criança, na medida em que a interpretação do seu texto, dos seus resultados, passou a ser um pouco mundializado. Tanto que, depois, a experiência de outros países europeus e asiáticos, aonde, logicamente, essa pesquisa não chegou, era no sentido de refundar as bases conceituais, doutrinárias e pragmáticas da saúde da criança. Então, é bom considerar que a pesquisa interamericana de saúde, que até há pouco tempo, era muitíssimo citada, deu uma contribuição de caráter muito universal ao tema da saúde e da doença em relação à criança, em relação ao mundo como um todo.

Devo registrar, também — e, nesse caso, eu tive uma participação mais direta —, a criação do primeiro curso de saúde materno-infantil das Américas. O curso feito no IMIP, com uma contribuição muito significativa, sobretudo do Prof. Ebrahim, foi o primeiro feito nas Américas e o décimo quinto no mundo. Então, isso se associa também ao caráter de

pioneirismo e de realizador que tinha o Prof. Fernando Figueira. E isso é bom — eu já começo aqui a fazer um comentário adicional — para perceber que a dimensão não é apenas pernambucana na comemoração desses 100 anos. Em grande parte, é uma conferência que tem uma dimensão continental e até mundial, vamos dizer assim.

Outro dado que recua muito no tempo — e quase sempre, quando se convoca alguém que tem 85 anos, esperam-se depoimentos que tenham caráter memorialista — é que, assim que terminou a conferência histórica, mundialmente histórica, de Alma-Ata, presidida pelo Brejnev, é ele quem assina o texto dessa declaração, logo depois, o Prof. Figueira criava aqui as primeiras unidades de atenção primária de saúde. É uma coisa que teria partido diretamente de Alma-Ata para Recife, para o Estado de Pernambuco. Essa criação é, de certa maneira, uma irmã gêmea do grupo lá do Ceará, porque, rapidamente, com o apoio do UNICEF, iniciava-se a experiência muitíssimo interessante da atenção primária de saúde, que era uma forma de estender a atenção básica para grupos não atingidos, sobretudo com um caráter integrado, articulado com outras unidades.

Devo dizer que, por enquanto, nos Coelhos — basta sairmos do IMIP, atravessarmos a rua e nós estaremos no bairro dos Coelhos — está feita uma avaliação de atributos da atenção primária de saúde. É uma forma de reviver ou atualizar como é que está o discurso da atenção primária de saúde em duas unidades de saúde. Isso é também um pioneirismo, porque, até então, os trabalhos sobre atributos de atenção primária de saúde eram muito poucos e quase sempre viam um lado apenas, o lado dos profissionais que participavam dessas experiências, sem ouvir a parte mais interessada, que seriam os próprios usuários. Esse é um trabalho que prolonga de certa maneira o compromisso de continuidade, que foi sempre desenvolvido em caráter consciente, solidário e continuado pelo Prof. Fernando Figueira.

Aliás, é interessante que os próprios discursos recentes que consideram a gravidade e a urgência de que se trabalhe em termos de desenvolvimento humano colocam uma frase mágica: as coisas só têm sentido se elas forem continuadas. Alguma coisa que tem caráter episódio é um círculo breve, não entra no discurso do chamado desenvolvimento humano.

Eu não sei se foi lembrado pelos outros, mas o IMIP foi primeiro hospital do Brasil a receber o título de Amigo da Criança, exatamente por conta do compromisso que teve, desde o primeiro momento, com a questão do aleitamento materno. E isso já puxa fatos que aconteceram antes, como o impedimento de se fazer propaganda de leite em pó dentro dos serviços hospitalares — no IMIP, desde o começo, isso não existiu —, o que foi estendido a toda a rede de serviços hospitalares mantidos pelo Estado, quando o professor passou a ser Secretário de Saúde.

Era uma forma muito eficaz de desestimular o aleitamento materno. É muito improvável que uma mãe que recebe duas latas de leite na sua alta continue amamentando a criança. E o custo disso, a repercussão disso está no mundo inteiro. O livro *O Matador de Bebês*, também traduzido para o português pelo professor, mostra exatamente o peso epidemiológico da mortalidade de crianças no mundo inteiro por conta da substituição de uma prática muito saudável, que é o aleitamento materno.

Há também uma iniciativa que foi lançada pioneiramente no Brasil, embora as primeiras experiências tenham sido no continente africano, que foi o método mãe-canguru. Depois esse método foi incorporado no País por uma missão de consultores da Organização Mundial de Saúde trazidas, fundamentalmente pelo grupo da Itália. Isso reforçava pontos de um discurso que tinha sido lançado muito antes, que era o de como as ideias devem ter continuidade até se cumprirem.

Eu me lembro de um amigo meu muito inteligente, muito interessante. Perguntaram a ele: "O que marca a sua vida?" Ele disse: "*Eu sou profissionalmente um sonhador.*" Ao mesmo tempo ele se lamentava: "*Infelizmente os meus sonhos não vão em frente.*" O Prof. Fernando Figueira, de uma forma perseverante, fazia questão de que o sonho se cumprisse. Eu trouxe um livro que vou citar por várias razões, inclusive por essa daí, que é o livro *Utopia*, de Thomas Morus. Ele era um pensador e um romancista também, mas eu queria ver como muitos trabalham a questão da utopia, com o sentido que levem em frente a sua realização.

Eu creio que já foi dito aqui, mas é um fato muito importante, porque depois vários Estados do Brasil também adotaram, que foi não ter uma programação estadual de saúde baseada apenas nas ideias de um eventual Secretário de Saúde. Então se criou, no tempo do Prof. Fernando Figueira, um grupo de planejamento que estabeleceu, a partir da caracterização dos problemas, da interpretação desses problemas, como converter isso programaticamente numa proposta de saúde. Isso se deve também ao Prof. Fernando Figueira, ou seja, ver a saúde sob o ponto de vista de critérios epidemiológicos.

Aqui eu uso um termo que deliberadamente é puxado de linguagem policial. Acho que a grande contribuição que o Prof. Figueira trouxe foi a de dismantelar, no sentido das notícias que vemos nas páginas dos jornais: "*Desmantelou-se tal quadrilha, tal quadrilha, tal quadrilha*". Havia coisas em Pernambuco que tinham um caráter quadrilheiro. A exploração dos bancos do leite era uma dessas coisas. Existia uma rede que procurava gente para doar leite e existia compromissos com os hospitais para comprar tal quantidade de leite. Esse grupo foi dismantelado. Devo dizer que, antes da criação dos primeiros bancos de leite humano controlados pelo Estado, o banco foi depredado. Simplesmente, mandou-se grupos de

baderneiros profissionais depredar o banco de leite. O Prof. Figueira, em tempo recorde, respeitando inclusive as datas estabelecidas para sua inauguração, manteve o banco.

Eu destacaria, mas já foi destacada, a participação do Prof. Figueira num momento histórico delicado da vida do Brasil. Mandava-se uma relação de estudantes para que seus direitos de estudar fossem cassados.

Ao final, eu gostaria de fazer duas observações. A primeira é que a carta do IMIP relembra seis grandes pediatras, um deles era o Debret, na França; outro era Frederico Gómez, no México; o outro era o Ebrahim. Seis grandes pediatras que ele homenageava como inspiradores das ideias fundadoras do IMIP.

Eu diria, a esta altura, pela vida do Prof. Figueira, pelo que ele fez, internamente, em Pernambuco e no Brasil, pelo ensino, pela pesquisa e, sobretudo, pela prestação de serviço, que ele deveria estar entre esses seis pioneiros que ele citava. Eu acho que é um histórico, uma contribuição que nós poderíamos resgatar e até reivindicar.

A segunda observação é que eu ligaria a identidade de pensamento dele a um pernambucano que já foi lembrado aqui, o Josué de Castro.

Josué de Castro também tinha uma fidelidade à busca de soluções para o problema mundial da fome, dentro de uma perspectiva de desenvolvimento humano. Não era só arranjar alimentos complementares para, emergencialmente, atender a determinadas situações, mas também era partir de uma coisa que, sob o ponto de vista doutrinário e ideológico, é muito mais: a própria fome de justiça que existe no mundo. Há várias medidas que atestam essa fome.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Humberto Costa. PT - PE) - Nós estamos nos aproximando do final desta sessão. Registro aqui a presença dos alunos do ensino médio do Colégio Genius.

Convido para fazer uso da palavra a última oradora inscrita, a Dra. Silvia Rissin.

A SRA. SILVIA RISSIN - Boa tarde a todos, Exmo. Sr. Senador Humberto Costa, Srs. Deputados Federais propositores desta homenagem justa, linda, emocionante, que poderia continuar pela tarde toda e por outros dias, porque não faltariam assuntos sobre o Prof. Fernando Figueira, sua vida, sua obra, porém, isso não será possível, devido ao adiantado da hora. Eu não poderia deixar de agradecer aos senhores e aos demais integrantes da Mesa — e também os cumprimento, assim como a todos os presentes que aqui ainda permanecem — por todo este momento único, inesquecível para todos nós, principalmente para os familiares, o Dr. Antônio Carlos Figueira, a Maria Sílvia Vidon, para todos os seguidores dele e para todos que, como eu, tiveram o privilégio de conviver com ele por alguns anos e em momentos importantes de sua vida. Como primeira mulher a ocupar a Presidência do IMIP, ao longo dos seus 59 anos de existência, e após tantas pessoas ilustres que aqui falaram de tantos assuntos, temas, tópicos, ações e feitos do querido e saudoso Prof. Fernando Figueira, imaginem o quão difícil para mim, por toda honra que o cargo me confere e por todo este momento de emoção, antes de tudo, falar alguma coisa a mais do que agradecer.

Agradeço aqui, em nome de todos os nossos 12 mil funcionários, em nome de todos os pacientes que ao longo de todos esses anos foram beneficiados com a obra do IMIP, em nome de todos os mais de 500 voluntários que se dedicam a nossa obra com seus talentos, suas horas, sua dedicação, seu amor e afeto, em nome todos os que fazem a Direção-Geral do IMIP, na pessoa que eu gostaria que fosse a representante de todo esse pessoal, esse contingente mesmo, a nossa Superintendente-Geral, a Dra. Tereza Campos, aqui presente. Como disse nosso querido Antônio Carlos, sertaneja valente — eu gostei disso —, além de chamá-la de super, porque ela é superintendente, supermulher, super tudo. Ela é mesmo uma sertaneja valente.

Eu gostaria de destacar e homenagear todos os descendentes de Fernando Figueira, não só filhos, netos, mas também todos os sobrinhos aqui também presentes, o Dr. Guilherme Figueira, na pessoa de Maria Sílvia Figueira Vidon. É uma grande batalhadora, lutadora, uma das pessoas que mais sofrem no IMIP, depois dos pacientes, porque é a pessoa responsável pela administração financeira de uma entidade que luta bravamente, ao longo de todos esses anos, contra a escassez de recursos financeiros. É uma entidade que não para de crescer na sua demanda, na sua área física, nas suas responsabilidades, e não existe a devida correspondência financeira para todos os avanços que o IMIP faz. É a Sra. Maria Sílvia que luta, nessa ginástica diária, permanente e sofrida de manter os compromissos em dia.

Nós contamos, graças a Deus, com as benesses da oportunidade que os Deputados, os Parlamentares brasileiros, principalmente, os pernambucanos, nos dão com suas emendas parlamentares, mas isso ainda é pouco. Nós precisamos de mais. Nós precisamos de mais momentos como este, Sr. Senador, de mais oportunidades de trazer ao conhecimento de mais pessoas, de mais segmentos da sociedade o que representa o IMIP para a saúde pública brasileira e para a continuidade do Sistema Único de Saúde, tão ameaçado.

Todos precisam ouvir a nossa voz, o nosso grito de socorro, muitas vezes. Nós não temos como manter a qualidade, que é a grande característica do IMIP, se não contarmos com a adesão maciça da sociedade. E, repetindo o que Fernando Figueira dizia, nós não pedimos. Nós cobramos da sociedade o que ela deve às crianças pobres e, por extensão, a todas as pessoas desfavorecidas. Nós devemos a elas. Nós somos privilegiados. E nós todos precisamos repassar tudo isso que nós vivemos aqui hoje, neste momento tão bonito, marcante, importante, mas num momento de emergência, de socorro.

Por favor, espero que outros momentos como este surjam, assim como outras proposições, outros espaços, para que nós tragamos não só a obra, a vida, o exemplo, mas também que este se propague e que seja mantido em nome de toda a dignidade e de toda uma sociedade que urge por melhorias.

Eu deixo aqui um abraço carinhoso de todos nós que somos imipianos de coração e de alma, o nosso abraço, o nosso chamamento e o nosso agradecimento aos três Parlamentares que fizeram um bem tão grande a todos nós e muito mais aos que precisam do IMIP.

Obrigada aos senhores. Obrigada a todos. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Humberto Costa. PT - PE) - Antes de encerrarmos esta sessão, eu gostaria aqui de convidar, em nome dos Deputados Felipe Carreras e João Campos e em meu próprio nome, a Sra. Maria Sílvia Figueira Vidon, filha do homenageado, para receber uma singela homenagem e portá-la à Dona Nancy, viúva do Prof. Fernando Figueira.

(O Presidente entrega flores à filha do homenageado.) (Palmas.)

ENCERRAMENTO

O SR. PRESIDENTE (Humberto Costa. PT - PE) - A Presidência agradece às autoridades e a todos que nos honraram com suas presenças.

Está encerrada a presente sessão. *(Palmas.)*

(Levanta-se a sessão às 13 horas e 32 minutos.)